

ROÇA AGROECOLÓGICA DAS MULHERES

Assentamento Dandara dos Palmares, Camamu-BA

Ana Celsa Sousa,
Carlos Eduardo de Souza Leite,
Luciana Rios

Como Tudo Começou

“Mulheres de Dandara na Luta pelos seus Direitos”. É assim que se intitula o Grupo de Mulheres da Dandara, formado por sete mulheres, que há 10 anos desenvolve experiências agroecológicas numa roça comunitária, localizada no Assentamento Dandara dos Palmares, município de Camamu, Baixo-Sul da Bahia.

A comunidade surgiu em 1997 em uma área antes explorada pela empresa Cepel para o cultivo do cacau em monocultura, sistema que favoreceu a disseminação da doença vassoura de bruxa causada pelo fungo *Moniliophthora perniciosa*, o que contribuiu decisivamente para o declínio da atividade cacauicultura nas grandes fazendas da região. A transformação das grandes fazendas cacauicultoras em latifúndios improdutivos favoreceu o surgimento de assentamentos rurais como o de Dandara, coroando a luta pela terra de 30 anos de muitas famílias da região.

No início do acampamento, as famílias atravessaram momentos críticos devido à falta de alimentos. Segundo uma agricultora que na época atuava como líder pela Pastoral da Criança, as crianças eram as mais atingidas pela desnutrição, diarreia e outras doenças. Com o propósito de produzir alimentos destinados prioritariamente às crianças, em 1998 um grupo de 20 mulheres solicitou à Associação Comunitária um lote de quatro hectares. A doação da área foi aprovada numa assembléia da associação de 1999. Com o apoio de algumas entidades, como o Sasop – Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais e a Pastoral da Criança, que assessoraram na produção do viveiro de mudas de frutíferas, no manejo agroecológico e na gestão de um fundo rotativo para compra de insumos, sementes e ferramentas, o grupo deu início ao trabalho em mutirões. A roça foi implantada com uma grande diversidade de plantas: mandioca, cupuaçu, banana da terra, café, feijão, bata doce, gergelim, milho, abacaxi, urucum, entre outras.

O grupo implantou o roçado com o manejo agroflorestal regenerativo, já que se trata de uma região rica em biodiversidade do bioma Mata Atlântica, onde as árvores predominam como componentes dos agroecossistemas. De início, houve certa resistência por parte de algumas mulheres do grupo por não conhecerem essa proposta de manejo. Mas após as primeiras experimentações, elas perceberam que se tratava do melhor manejo, no qual o mato era roçado, e o solo protegido por plantas nativas.

O maior desafio nesse período inicial foi convencer as companheiras a não empregarem veneno para o controle de formigas adotando no lugar o manejo de plantas ajudantes, como a comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia Picta Schott*), o roxinho (*Euphorbia Cotinifolia*) e a manipueira (água extraída da mandioca). Esse momento inicial também foi marcado pelo descrédito dos homens da comunidade, que, em desrespeito às mulheres e ao padrão de manejo que elas escolheram, utilizavam veneno nos quintais cultivados por elas. Além de dificultar a disseminação das práticas agroecológicas no assentamento, essa atitude foi considerada uma violência contra as mulheres. Devido ao trabalho duro e à falta de apoio de alguns maridos, algumas mulheres foram desistindo do processo, restando as sete que permanecem até hoje.

Em 2004, a comunidade deu início aos trabalhos com produção de alimentos nos quintais, criação de pequenos animais, resgate das plantas medicinais e dos remédios caseiros e com reeducação alimentar. A dinâmica gerada na comunidade em torno da construção e resgate do conhecimento sobre essas diversas questões criou um ambiente favorável ao empoderamento das mulheres por meio de um processo intenso de mobilização, capacitação e intercâmbio com outras experiências em torno da temática de segurança alimentar e nutricional.

Durante todo o processo de experimentação dos princípios da Agroecologia no manejo da roça, aconteceram várias visitas de outras organizações que traziam agricultoras e agricultores para discussão sobre o processo de transição agroecológica em suas propriedades. Com o grupo organizado e sendo referência na comunidade, muitas mulheres foram convidadas para participar de encontros fora da Dandara, tanto para capacitações como trocas de conhecimentos com outros grupos.

Os encontros no assentamento são momentos importantes de capacitação e criação de autonomia para que as mulheres exponham pensamentos e idéias, resgatem e reconstruam sua cidadania. A dinâmica de intercâmbio a nível comunitário, regional, estadual e nacional a exemplo do GT de mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), da Rede de Mulheres em Remanso (BA), do Quilombo de Conceição das Crioulas, dos Encontros sobre Agroecologia, dos fóruns e feiras, tem sido algo constante para o grupo e tem tido importante papel na troca de experiências das práticas agroecológicas, na articulação entre mulheres e na organização comunitária.

Participação das mulheres nas organizações

Geralmente, as comunidades e assentamentos em Camamu se organizam por intermédio de associações comunitárias, formas de organização jurídica que muito frequentemente são fomentadas por agentes externos, tais como políticos e agentes financeiros. As comunidades terminam adotando esse formato institucional com o objetivo de acessar os benefícios de políticas públicas. Normalmente, a gestão dessas organizações é feita pelos homens, que resistem ao acesso das mulheres aos cargos diretivos e de tomada de decisão.

A inserção das mulheres na associação comunitária de Dandara não foi fácil. Desde o início, sequer a participação delas como sócias foi aceita já que as mulheres que não eram titulares dos lotes das famílias. Dessa forma, não foi dado a elas o direito de votar nem de serem votadas e poucas participavam das decisões relacionadas ao desenvolvimento do assentamento. Dois anos depois, as mulheres conquistaram o direito de se associarem, mas como não podiam pagar as mensalidades, ficavam inadimplentes e sem direito a voz e voto. Com muita luta, o grupo de mulheres conseguiu alteração no estatuto de forma que todos os membros de uma família estariam adimplentes mediante o pagamento de uma única mensalidade.

Algumas das mulheres do grupo são associadas ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Camamu (STTR), uma instituição que tem exercido um papel essencial na formação de lideranças. Embora a política de cotas da organização assegurasse a participação das mulheres em secretarias do STTR, a falta de experiência para elas assumirem essas funções se apresentou como um obstáculo. No entanto, o espaço de discussão e formação política oportunizado pelo Grupo tem

contribuído para qualificar a participação das mulheres que são lideranças nas associações e sindicatos de sua comunidade.

A construção da autonomia econômica

Na medida em que a venda da produção das famílias agricultoras assim como a administração das rendas é realizada pelos homens, a geração e a gestão de renda pelas mulheres se colocaram como uma questão central nas preocupações das mulheres do grupo.

A entrada de novas mulheres no grupo da roça tem ajudado a dinamizar a produção e a estimular as iniciativas de beneficiamento e de comercialização que estão sob o domínio exclusivo das mulheres. Há cerca de um ano, os produtos do grupo vêm sendo comercializados na Feira Agroecológica de Camamu, que vem sendo organizada por meio de um processo de rotatividade semanal delas com mulheres de outras comunidades da região.

A venda de produtos *in natura* – frutas e verduras - e beneficiados – sucos, doces, bolos e beijos - para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA/CONAB) em parceria com a AACAF – Agencia de Assessoria e Comercialização da Agricultura Familiar do Baixo Sul, em 2008, tem contribuído para impulsionar essa iniciativa. A comercialização para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) se apresenta nesse momento como nova perspectiva de acesso a mercados pelo grupo.

A experiência de sistematizar a experiência

A idéia de sistematizar a experiência do grupo surgiu com a participação de representantes do Grupo de Mulheres Dandara, no Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (GT-Mulheres da ANA).

A sistematização possibilitou ao grupo levantar e aprofundar reflexões importantes sobre questões fundamentais em sua caminhada e das agricultoras que o integram. Proporcionou também uma reflexão sobre os avanços e os desafios das mulheres rumo à construção da Agroecologia no contexto da agricultura familiar da região do Baixo Sul da Bahia.

Para dar início à sistematização, foram realizadas oficinas com o grupo nas quais foram empregadas ferramentas diversas, como dinâmicas, descrição da rotina diária de cada uma e coleta de dados sobre raça, escolaridade e religião. O resgate da história do grupo foi realizada com a construção de uma linha do tempo, por meio da qual foi descrita a trajetória da organização das mulheres, suas principais conquistas, desafios e perspectivas. A iniciativa permitiu a caracterização do perfil sociocultural das mulheres envolvidas na experiência.

Com esse processo de auto-reflexão, foi possível para o grupo elencar as contribuições da Agroecologia para o assentamento. Segundo a percepção atual do grupo, as experiências agroecológicas contribuem para a valorização e o reconhecimento do papel das mulheres na agricultura familiar; para a qualidade e diversificação dos alimentos que são produzidos e consumidos; para o cuidado e proteção da natureza; para fortalecer o trabalho em grupo; para a valorização dos recursos locais; para a geração e aumento da renda com diversificação de produtos.

Sonhos e Perspectivas

Como perspectivas, as Mulheres da Dandara sonham em fortalecer a roça agroecológica e têm pretendem concluir uma unidade de beneficiamento e armazenamento de alimentos da roça agroecológica; aumentar a participação do grupo e da consciência sobre a importância do trabalho coletivo; continuar as visitas nas roças individuais e mutirões para disseminação dos princípios agroecológicos; dar continuidade ao processo de formação política e sobre direitos das mulheres; qualificar o grupo de artesanato, aprimorando sua infraestrutura e aumentando sua capacidade de produção, aprimorando dessa forma os mecanismos de a geração de renda pelas as mulheres.

Essa experiência traz lições importantes na construção de referências locais voltadas para organização política e produtiva das mulheres agricultoras, apontando importantes desafios para sua disseminação na região como uma experiência inovadora e de promoção da Agroecologia. A participação efetiva das mulheres nos espaços de organização e representação, como a Associação Comunitária no Assentamento de Dandara e no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Camamu, demonstra o efeito irradiador e de consolidação desta iniciativa.

Ana Celsa Sousa
Técnica do Programa Mata Atlântica
ana@sasop.org.br

Carlos Eduardo de Souza Leite
Coordenador Geral
caesleite@sasop.org.br

Luciana Rios
Assessora de Comunicação
luciana@sasop.org.br